

CAI A NOITE.

IMAGENS SORRATEIRAS DA NOITE URBANA

Robert Moses Pechman
UFRJ
robert@ippur.ufrj.br

Fantasmas noturnos

Em muitos idiomas a palavra a palavra NOITE é formada pela letra N mais o número 8. Assim, n mais oito(noite), n mais eight (night), n mais ocho (noche), n mais huit (nuit)... . Sendo a a letra N o símbolo matemático do infinito e o oito deitado também simbolizando o infinito. NOITE significa, em todas as línguas, a união do infinito.

No começo era a Luz. Depois vieram as Trevas. E viu Deus que era boa a Treva e dela fez a Sombra, que o Senhor separou da Luz.

Das sombras fez-se a Noite e da Noite o mistério dos homens. Dos mistérios fez-se , então, a cidade.

É noite na cidade...

“Eis a noite sutil, amiga do assassino- proclama Baudelaire-

Ela vem como um cúmplice, a passo lupino”. BAUDELAIRE, 1985, p.349).

É noite na cidade...

Das espeluncas saem os ruídos do sexo e do vinho. A cidade dorme e ao sair do estado de vigília, libera desejos, gozos, o amor e o “inútil” dos gastos não-econômicos. O espaço noturno liberta a ordem cerceadora da cidade-solar.

É o perigo...

Não se sabe quem vigia quem. A cidade se torna uma selva, é o apelo dos lobos. Segredos e complots se tecem enquanto muitos dormem. É nesse momento que errantes,

amorosos e criminosos despertam para seu cotidiano noturno. “Qual grande alcova o céu se fecha lentamente, E em besta fera torna-se o homem impaciente”. (Idem, p.349).

Os demônios acordam e o meretrício se espalha pelas ruas colorindo-as com seu ‘rouge’. Cozinheiros de restaurantes, jogadores, artistas de teatro, músicos, ladrões e boêmios, tomam as ruas, como uma nova fauna que se impõe à cidade. Mas também ela, a urbe, pode ser amável para com o trabalhador e para com o sábio, pois que anuncia a hora do descanso da faina selvagem.

“Ó noite, amável noite, almejada por quem
Cujas mãos, sem mentir, podem dizer: Amém,
Ganhamos o nosso pão”. (Idem, p.351)

Qual é, podemos nos perguntar, a essência dessa noite?

Para o poeta italiano Giácomo Leopardi,

“As palavras “noite”, “noturno”, etc. e as descrições da noite são muito poéticas porque a noite, confundindo os objetos, só permite ao espírito conceber uma imagem vaga, indistinta, incompleta, tanto dela, quanto das coisas que ela contém. Da mesma forma “obscuridade”, “profundo”, etc... (CALVINO, 19..., p.74).

Para o historiador da cidade de Paris, Pierre Sansot no seu livro “Poétique de la ville” a grande pergunta sobre a especificidade da noite que se impõe é, “qual a essência da deambulação noturna?” Fechado em si- argumenta Sansot- o homem era uma vítima passiva, fugindo de seu sofrimento.

“Ao longo das ruas e avenidas desertas ele inicia uma aventura da qual não sairá indene, mas da qual ele assegura a responsabilidade a qual ele conduzirá a seu termo à qualquer custo”(SANSOT, 1996, p.231).

Em Sansot não podemos nos conhecer, senão a partir da vivacidade da cidade, que nos fornece um excelente material de projeção, que nos reenvia nosso próprio rosto, nossos medos secretos, nossos desejos inesperados” (SANSOT, 1996, p.231). É o que ele chama de “paisagem sentimental”, um ‘promenade nocturne’. Durante o dia assinala o historiador, os homens com suas presenças indiscretas ou turbulentas, colocariam um freio a essa livre projeção (Idem, p.231).

O espaço neutro e dócil do dia urbano é substituído por um espaço noturno cheio de surpresas. A questão , agora, é entre o homem, a noite e a cidade. Daí o questionamento de Sansot: “quais são, portanto, os papéis da noite e da cidade? (SANSOT, 1996, p. 232).

Esvaziada dos olhares humanos, mas tomada pela presença humana, a cidade noturna espera e escuta. Ela não nos diz nada, ela não nos aprova, não nos culpa, nem nos consola, conclui Sansot (p.232).

Como imaginar, então, a cidade noctívaga na sua diferença com a cidade diurna, quando a ordem e o trabalho pontuam como organizadores e formuladores da vida cotidiana das massas. E,

“Entretanto, demônios insepultos no ócio
Acordam do estupor, como homens de negócio,
E estremecem a voar o postigo e a janela.
Através dos clarões que o vendaval flagela”.(BAUDELAIRE, 1985, p. 351)

À noite essas massas se dissolvem e a cidade se transforma, povoada por pessoas em busca de uma experiência menos civil e mais mundana.

“O Meretrício brilha ao longo das calçadas;
Qual formigueiro ele franqueia mil entradas;
Por toda parte engendra uma invisível trilha,
Assim como o inimigo apronta uma armadilha;
Pela cidade imunda e hostil se movimenta
Como um verme que ao Homem furta o que o sustenta”. (Idem, p.351).

Ocultando as identidades, a noite se faz permissiva para com os segredos individuais, que proporcionam a cada um sonhar acordado fantasias de todos os tipos.

Como capturar a aura de seres com uma espécie de invisibilidade que se impõe nas ruas?

Podemos pintar esses seres? Podemos desenhar seus desejos? Fotografar suas paixões? Com que sonham? Que lhes vai na alma? Quais são seus medos? Com que fantasiam? Quais são seus sonhos de cidade? Que lhes sussurra a noite urbana? Que lhes conta a escuridão?

O que sabem do silêncio, do mistério, do temor, da solidão, do abandono, da sensualidade, da liberação dos corpos, do erotismo, da procura do outro, dos encontros/desencontros, da festa...?

Atento aos murmúrios e gemidos da alma dos viventes das cidades das multidões, Baudelaire, em seu “O spleen de Paris”, diante do entardecer, vitupera: “Quais são os desgraçados que o entardecer não acalma, os que, como as corujas, tomam a chegada da noite por um sinal do sabá? (BAUDELAIRE, 1995, p.72) O crepúsculo- incita o poeta maldito- excita os loucos. Para ele enquanto a noite põe trevas no espírito de muitos, no seu espírito põe luz. A noite é seu refúgio da mediocridade das gentes e das coisas. É com ironia, cinismo e com prazer que ele saúda a noite:

“Ah, noite. Ah, refrescantes trevas. Sois para mim o sinal de uma festa interior, o livramento de uma angústia. Na solidão das planícies, nos labirintos pedregosos de uma capital, fulgor de estrelas, explosão de lanternas, sois os fogos de artifício da deusa Liberdade. Crepúsculo, como és doce e suave...”. (Idem, p.73).

No poema em prosa “À uma da manhã” o poeta já denunciava seu incômodo com o cotidiano da cidade: “Vida horrível. Cidade horrível”. Para concluir, com prazer, com as doçuras da noite:

“Enfim. Sozinho...Por algumas horas teremos silêncio, senão repouso. Enfim, sumiu a tirania da face humana e agora só quero sofrer por conta própria”(Idem, p.36).

Para a filósofa Anne Cauquelin, nas trilhas de Baudelaire, de Alexandre Dumas e de Restif de la Bretonne, autor de “Les nuits de Paris” ou “Le spectateur noturne” (passeio noturno de observação de Paris que durou 1001 noites ou 20 anos), à noite a cidade exige uma outra compreensão. A lei do dia não seria a mesma da noite. Liberado dos horários do trabalho e dos circuitos fechados, o homem, se pergunta a filósofa, seria ele mesmo? (CAUQUELIN, 1977, p.11).

Baudelaire é o cartógrafo do noturno e do soturno do formigueiro humano que ousa atravessar o deserto noturno em busca de... algo não possível sob a alacridade do sol.

“Ouvem-se aqui e ali as cozinhas a chiar,
Os teatros a ganir, as orquestras a ecoar”;(O crepúsculo vespertino, p. 352)

É uma outra forma de sociabilidade que se impõe e que exige outro ritual para que as pessoas possam conviver.

Quais são os códigos secretos desse mundo?

Para Cauquelin a cidade noturna é a resposta à selva do dia urbano, sua contrapartida, pois ao sossegar, deixando-se dormir, a cidade libera os desejos, os gozos, o

amor. As sombras- sugere Cauquelin- longe de pesarem sobre esse enorme acampamento humano, liberam, espantando a codificação diurna, permitindo que alguma desordem fure o enredo e a rede trançada que contém a vida urbana funcionando com todas as suas contenções necessárias ao convívio mínimo entre os muitos diferentes.

Baudelaire nos aponta as frestas, as fendas, esse laceramento, essa ruptura, essa fratura do exosqueleto que envolve a cidade e tenta protegê-la de qualquer perturbação, de qualquer disrupção que trescale à transformação do ‘script’ urbano.

“Sobre as roletas em que o jogo encena farsas
Curvam-se escroques e rameiras, seus comparsas,
E os ladrões, que perdão ou trégua alguma têm,
Começam cedo a trabalhar, eles também,
Forçando docemente o trinco e a fechadura
Para que a vida não lhes seja assim tão dura.”(Idem, p.351)

Que mundo é esse em que à fábrica, se impõe o cabaré; o trabalhador cede passo ao dândi; a esposa cede à prostituta; o negócio ao jogo?

Que inversão é essa onde o civil se faz mundano, onde a polícia é guardiã da desordem e a cidade se torna um teatro no avesso da paisagem útil do cotidiano?

Existiria, ainda, na cidade alguma possibilidade de não ter seu corpo tão disciplinado, tão mutilado pela cultura da ordem e da utilidade?

Segundo Cauquelin, a cidade de tudo se apoderou: “a cidade é o todo, é o mundo... a realidade urbana é deus, com sua ubiquidade”.(Idem, p.7)

Seria o espaço noturno, se indaga Cauquelin, um outro espaço, o duplo do espaço urbano? Seria possível que desse noctambulismo, dessas trevas, brotasse uma anti-cidade, com suas bruxas, seus ritos, suas magias?(CAUQUELIN, 1977, p.9).

Ali, na penumbra de um ‘chiaroscuro’, o sexo bascula, mulheres que são homens; homens que são mulheres.

De dia o homem é um fantasma, asseado, sem odor, um robô, mas a noite ele encontra um sexo, uma voz, uma mão que apalpa, um nariz que fareja. É a dança do prazer, afirma Cauquelin (Idem. p.10).

Ao espaço quadriculado e sufocante que a civilização produz, o tempo aponta a saída: a insônia(Idem, p.11).

Estar acordado sem precisar ser industrioso, apreciando seus próprios escuros, conversando com sua sombra. Mas a cidade reage e se ilumina, como se fosse uma inscrição sobre o espaço, indicando a paz urbana, as ilhas de ‘pax urbis’. A paz social, portanto, passa pela luz inflingida às trevas, onde a luz, revelando a “coisa” cidade, pretende preservá-la de inesperados rituais noturnos. Mas o poder não dorme à noite, tampouco o controle da urbe. O Estado fraternal- ressalta Cauquelin- protege e vigia cada um de noite, como de dia (Idem, p.166). Mas não tem ainda o poder de impedir que se sonhe... que se sonhe que estamos acordados em plena cidade noturna. Não se trata de sonambulismo, mas de ação, de se increver na carne da cidade com a enorme vocação pelo desconhecido e pelo renitente desejo de desejar. Desejar ser da cidade e nela sonhar sonhos inesperados.

Entre nós, o cronista de início do século XX, considerado estilisticamente como um “decadente”, herdeiro brasileiro de Huysman e de Baudelaire, João do Rio, no seu livro de contos “Dentro da Noite, supõe a noite como profunda, espessa e alegórica. Não é por menos que a epígrafe de seu livro remeta ao lamento do Rei David, do Antigo Testamento, quando invoca Deus pedindo proteção para seu povo: “Preservai-nos Senhor, das coisas terríficas que andam à noite”(Do RIO, 1978, sp)

Segundo Carmen T. Secco, em seu livro “Morte e prazer em João do Rio”, a noite para João do RIO é uma espécie de “zona de liberação, onde os personagens deixam vir à superfície seus fantasmas recalcados por uma “cultura opressora e homogeneizadora”. Mas, mesmo nesses espaços, o inconsciente não abre totalmente uma perspectiva para o “ser” dos personagens, já que estas áreas onde eles extravasam seus desejos reprimidos, se constituem margens concedidas pelo próprio sistema para essa liberação”(SECCO, 1978, p.24). Dentro da mesma “esfera semântica de decadência, a “noite” em João do Rio representa como em Huysman e Baudelaire o ‘là-bas’, o ‘bas-fond’- o submundo onde os personagens liberam o lado sombra reprimido pela sociedade (SECCO, 1978, p.28). Segundo a autora,

“Por baixo do progresso da cidade a noite guarda um grito, um silvo angustiado que quer vir à superfície... E ele vem metaforizado pelas sombras que percorrem todos os contos de Dentro da Noite, abrindo espaços para que o “outro lado”, o lado encoberto do Rio venha à tona. E o inconsciente se libera da prisão do superego. Tal grito penetra espaço à espaço esse mundo ao avesso... O onírico tem fala própria, sentido e forma. Ele é o próprio texto tecido da noite e da morte. O sonho e o texto. A noite que revela os fantasmas que transitam em seu universo opaco e ambíguo...” (SECCO, 1978, p 31).

Para Secco, tais espaços se caracterizam como zonas de frustração, pois os personagens só irão liberar seus desejos de uma forma contemplativa, ou seja, a palavra dos

narradores...O bar, os salões, os cafés e as confeitarias são espaços concedidos pela própria cultura, para de certo modo, controlar e dirigir o prazer”(SECCO, 1978, 34).

O próprio João do Rio vaticina sua impressão definitiva sobre a noite:

“Oh, a impressão inervante dessas figuras irreais na semi-sombra das horas mortas... Parece qualquer coisa de impalpável, de vago, de enorme, emergindo das trevas aos pedaços”. Citado por SECCO, 1978, p. 15).

Que Sociologia, que Antropologia podem compreender a inversão proporcionada pela noite, aonde a virtude se faz vício? Nada, nem ninguém é o que parece ser.

Por isso a cidade noturna se faz de fácil para aqueles únicos que podem compreendê-la em seu âmago: os artistas.

A noite é uma artista arteira.

São os artistas os únicos que podem nos contar algo desse mundo nebuloso, ali onde o pensamento racional esbarra em seus limites. Será necessário que amanhã, para que História, Sociologia, Antropologia possam entender outra vez aquilo que a noite urbana apenas lhes permitiu vislumbrar.

Mas, o que vê, afinal, o artista, que a nossa cegueira oblitera?

Ele vê tudo o que também vemos mas como se fosse pela primeira vez. Nada é “natural” para o artista como é para o simples mortal, que tudo vê enfadado. É como se ele visse tudo sempre pela primeira vez e por isso mesmo pudesse penetrar e revelar a alma de todas as coisas. Por isso mesmo, seu poder de reinventar a vida, tirando-a de sua “naturalidade” e dotando-a de linguagem, de significado, de simbolismo. O artista tem o dom de erotizar as coisas que vê, ou seja, doar-lhes vida. Eros como princípio da ação, que aciona o desejo, que confirma a vida.

É noite na cidade...

O artista perambula...

Ele afia seus caninos enquanto espera as nuvens cobrirem uns restos de luar que ainda iluminam a cidade.

A cidade está as escuras e o vampiro se lança à atacar incautos noctívagos que borboleteiam pelas ruas: putas, boêmios, moradores de rua, frequentadores da noite, bandidos e toda uma fauna que constitui o avesso da cidade.

O vampiro-artista ataca, suga as gentes de suas histórias e injeta-lhes a longevidade, infinitude, como é o tempo noturno, que na dor ou no prazer nunca quer passar, nunca termina.

É noite na cidade...

O artista deambula...

Que caminhos trilhar?



Casarão-Jan Siebert,2005

Que portas bater? Que janelas arrombar? Que fechaduras meter o olho?

Ele é um voyeur disfarçado de pintor? Ou um pintor que finge voyeurismo?

É ele um fingidor, que finge sentir a dor que sente?

O que espera o artista? Quem o espera?

Olhar ou ser olhado?

Com o que sonha o artista? Que fantasias o atravessam que ele nos vende como as novas verdades do mundo? O artista acredita que as verdades do mundo estão numa Natureza Urbana. Pintar a cidade no seu estúdio?



Aquém do concreto, Jan Siebert, 2005

A casa ou a rua, o dentro ou o fora? Qual o seu lugar? Qual o seu ponto de vista? O artista olha, vasculha, observa, perscruta, mira...



The cartoonist, Jan Siebert, 2000

Ele sai à rua... e pinta a vida que lhe atravessa as retinas, e descreve o que suas retinas captam...



Vorahnung, Jan Siebert, 2008

O pintor Jan Siebert, alemão, radicado no Rio, é um desses artistas que mergulham nos baixios da cidade, mas somente à noite. Para ele, o mesmo lugar é completamente diferente de dia e de noite. Envolvido pelas sombras ele esgueira-se por temerários vazios urbanos. Ao contrário do viajante em trânsito, meses e anos passados em diferentes cidades e lugares, Siebert se dá o tempo necessário para absorver a atmosfera local, para depois produzir telas que apresentam uma arte baseada na visão, ilusoriamente natural e enganadoramente banal, de lugares e objetos do mundo visível e que têm como principal ferramenta a sua incansável observação de cenários urbanos que vêm lentamente se decompondo.

Seus quadros revelam o olhar de quem ancora no local escolhido, e, além disso, de quem faz parte daqueles conteúdos e relações.

Uma tela de Jan Siebert, onde quer que seja pintada – Alemanha, México, Brasil – é capaz de provocar uma forte sensação de pertencer ao nosso mundo cotidiano conhecido, com toda sua repulsa, banalidade e beleza.

A escolha do cenário muitas vezes é fruto de intensas procuras e pesquisas. De repente, pessoas comuns podem se transformar em protagonistas da sua própria rotina, companheiros e cúmplices da criação artística. Uma prostituta retratada à noite na esquina de uma cidade é tão real quanto o pintor a retratando. Tão real como o tempo de vida que ambos compartilham.

Vemos também nas pinturas, paisagens noturnas, praças, pontes, ruas vazias e abandonadas, tiradas do limbo por aquele que observa. Que melhor forma de lidar com o real, transformando-o em matéria estética e poética, que se deixar tomar pela própria sensação inspirada pelo lugar, pelos moradores e pelas marcas que foram deixados por histórias passadas.

Nesta interação entre o retratista e o retratado, se desenvolve uma ambivalência que vai mais além do visível, penetrando na área abstrata das sensações. É a realidade da matéria comum, que Siebert escolheu como portadora do não-material e que ele identifica como a essência dos objetos representados pela sua pintura.

Segundo o artista:

“Durante o dia, podia-se observar o movimento de pessoas pelas ruas, assim como a grande quantidade de lojas. Após o encerramento do horário comercial, e ao cair da noite, o cenário modificava-se de maneira impressionante.. O velho centro tornou-se apenas um centro comercial e segue sendo somente uma lembrança dos bons e velhos tempos: um lugar no qual ninguém gostaria de morar fora de seu horário de trabalho.

À noite, o grande afluxo de pessoas desaparecia e tinha como destino a praia e as seguras residências, isto é, de certa forma, afastadas do perigo. Naquele mesmo momento, no centro histórico, enquanto a maior parte dos estabelecimentos comerciais estavam fechados, outra realidade podia ser vista: pequenos bares e bordéis com placas luminosas na entrada e mulheres prontas para mais uma noite de trabalho.

Descobrir o universo dessas pessoas que não vivem em ambientes seguros ou confortáveis - diferentemente daqueles que procuram este tipo de serviço só para uma aventura - foi indescritível. Além disso, podia-se encontrar usuários de drogas e até mesmo prostitutas que chegavam de diversas partes. Assim, a dura realidade vivida por aquelas pessoas e a decadência da riqueza e elegância tornaram-se meu tema de trabalho naquela ocasião. Por outro lado, para que eu pudesse dar continuidade a isso, era necessário que eu, de alguma forma, me aproximasse delas e daquele ambiente, o que me parecia impossível, uma vez que eu necessitava conhecer mais sobre a vida daquelas pessoas, e portanto, necessitava de seu consentimento. A princípio, imaginei que não obteria êxito ao perguntar se alguma daquelas mulheres poderia posar para um quadro, já que eu era um estranho e tinha dificuldades para me comunicar pelo fato de não ser falante da Língua Portuguesa. Desaconselharam-me a andar por aquelas ruas, sob a alegação de que eram vias perigosas. Apesar disso, optei por morar no centro da cidade para que pudesse ficar mais próximo da realidade que estava vivendo naquele momento.

Minha dedicação artística em meio a esse espetáculo um tanto sombrio foi aceita com boa vontade e tolerância pelos proprietários daqueles prostíbulos que permitiram que eu pintasse quadros dos quartos das garotas de programa e também permitiram que as mesmas posassem para que eu as pintasse. Eram imagens que eu jamais pensei em registrar.

A violência e a velocidade do movimento dessa cidade lembram o apetite insaciável de um monstro que já se tornou mecanismo e vítima do próprio vício. Assim fica difícil de achar histórias e vestígios de pessoas e coisas que foram escritas aqui antes de serem engolidas para sempre. Apesar disso, existem lugares escondidos e esquecidos que conseguiram salvar as mensagens misteriosas das avalanches da cidade

Elas começaram a me chamar a atenção para os mais ocultos vínculos e assim comecei a ler vestígios nas minhas expedições noturnas desorientadas. As ruas abandonadas e solitárias do fluxo diário das multidões agora mostravam uma cara mais autêntica e real. Aí estavam os restos de dias sumidos, muros com eco do passado ao lado do concreto liso que fita com o olhar vazio em um futuro lucrativo. Grafites estridentes brilharam na escassez e deixaram nascer as imagens mais estranhas na minha mente. Isso foi como um teatro surreal, um estrondo de som alto, congelado no silêncio imóvel de vistas isoladas. Os moradores desses lugares, foragidos da sociedade e fracassados, que passam seu tempo entre assaltos e drogas, viraram uma companhia de confiança. De boa vontade guardaram cuidadosamente meus materiais de trabalho, como telas e cavalete em suas barracas, ou do contrário teria que arrastar tudo a largas distâncias. Até a seguinte noite que ia passar de novo ali pintando. Desse jeito trabalhei durante esses meses de uma perspectiva muito diferente e jamais sonhada por mim. A da realidade das ruas”.



Viaduto, Jan Sie

O pintor atravessa a noite, encara todas as suas interdições e liberações. A noite vai erodindo cada proibição. Os seres vão se metamorfoseando em cidadãos quando a aurora ameaça sangrar o céu com seus primeiros raios luminosos.



Preparativos, Jan Siebert, 2005

É hora da fauna noturna voltar para a toca e o vampiro notívago para o seu estúdio. A noite vai se despedindo e as mulheres cansadas, mas poderosas de terem nutrido a noite com seu amor, entre um bocejo e outro, voltam para seus segredos.

A rua se esvazia.

O artista, o pintor, saciado na sua fome de mundo, repara nos primeiros trabalhadores com suas marmitas. É hora de tomar café, pensa... um real café com leite e pão com manteiga. O pintor se prepara para mais um cotidiano civil. Esperando a noite... a noite infinita.

BIBLIOGRAFIA

BAUDELAIRE, Charles, As flores do mal, RJ, Nova Fronteira, 1985.

BAUDELAIRE, Charles, O spleen de Paris. Pequenos poemas em prosa, RJ, Imago Editora, 1995.

CAUQUELIN, Anne, La ville la nuit, Paris, PUF, 1977.

DO RIO, João, Dentro da noite, RJ, Livraria Francisco Alves, 1978.

SANSOT, Pierre, Poétique de la ville, Paris, Armand Colin, 1996.

SIEBERT, Jan, Natureza urbana, Álbum da exposição, 2014.

SIEBERT, Jan, México, Álbum da exposição, 2002.

SIEBERT, Jan, O cenário do cotidiano, Álbum da exposição, 2014.

SECCO, Carmen Lúcia Tindó, Morte e prazer em João do Rio, RJ, Livraria Francisco Alves Editora S.A./SEEC/RJ.